

**AS CARTAS AO BARÃO DE JEREMOABO:
ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA
DE DOCUMENTOS PESSOAIS DO FINAL DO SÉCULO XIX**

Eliane Santos Leite (UNEB)
elienesleite1@hotmail.com

Ao introduzir este trabalho de pesquisa, algumas considerações em relação ao interesse pelo tema vêm à tona, possibilitando uma retomada dos meus primeiros envolvimento com a pesquisa científica, no âmbito da Pós-Graduação *Lato Sensu* (Especialização em Estudos Linguísticos – UEFS), concluída em 2006, na qual foi desenvolvida uma investigação linguística, tendo como *corpus* inédito cartas também destinadas ao barão de Jeremoabo, porém datadas do século XX (LEITE, 2007). Os resultados obtidos, no entanto, não foram suficientes para sanar algumas questões, como por exemplo: que outras abordagens seriam possíveis a um tão rico *corpus*? O que revelariam os demais arquivos já editados desse *corpora*? Por que não intentar realizar outras leituras das cartas?

Assim, foi o envolvimento preliminar com outra parte desse material que estimulou significativamente o desejo de vislumbrar outros horizontes possíveis para a análise dos textos. Nesse contexto, surgiu o presente projeto de pesquisa, cujo objetivo maior é ampliar o olhar investigativo, agora a partir de uma perspectiva léxico-semântica, sobre aproximadamente 190 cartas¹ pessoais, datadas entre 1890 e 1903, enviadas ao barão de Jeremoabo, o Dr. Cícero Dantas Martins, por 43 sertanejos, todos eles autoridades, parentes, vaqueiros, amigos e/ou correligionários do Barão.

A pretensão inicial da pesquisa é realizar o levantamento do vocabulário utilizado nas cartas, a partir dos fundamentos teórico-

¹ Ressalto que os documentos que compõem o *corpus* foram editados pela Prof^a Ze-naide Carneiro (2005) quando da sua tese de doutoramento intitulada “*Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico-filológico*”, cuja parte dos resultados foi gentilmente disponibilizada por ela para ser objeto desse estudo, a saber, as cartas editadas. A edição adotada foi a conservadora, que nesse trabalho, será mantida. Os originais dos documentos estão acondicionados na Fundação Clemente Mariani (SSA-BA), em regime de comodato.

metodológicos da Lexicologia, considerando principalmente a proposta da teoria dos campos lexicais, de Eugênio Coseriu. Outra etapa da investigação objetiva analisar os recursos semânticos empregados nos textos e perceber, através disso, a contribuição do contexto extralinguístico para a fixação dos significados das lexias. Acredita-se, nesse sentido, ser possível realizar a identificação dos usos lexicais enquanto caracterizadores de uma comunidade, no que diz respeito às suas crenças, valores e costumes, partindo do pressuposto de que há, em toda e qualquer sociedade, uma intensa relação entre as manifestações linguísticas e culturais. A fim de subsidiar os estudos da pesquisa, tomar-se-ão as discussões tanto da Lexicologia quanto da Semântica, tendo-se também como suporte as abordagens teóricas de Ullmann (1987) e Lyons (1987). Recorrer-se-á também a autores como: Biderman (2001), Oliveira & Isquierdo (1998), dentre outros, para enriquecer as discussões propostas.

Optou-se por analisar o gênero textual cartas, devido as suas características muito peculiares, como seu caráter íntimo, que desperta a curiosidade do leitor, e também por apresentar características singulares como *remetente* e *destinatário*, visto que é a partir de uma maior ou menor influência do destinatário e da sua provável resposta, que o autor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita para tecer o seu texto, inclusive o léxico. Pretenciosamente, daremos “voz” aos que, pelo tempo e pela morte foram silenciados, mas que, felizmente, pela escrita ainda nos falam. E muito!

Para efeitos dessa amostragem, foram selecionadas seis cartas, datadas entre 1890 e 1903, escritas por correspondentes do barão que desenvolviam atividade de vaqueiro². Nesse sentido, a fim de melhor contextualizar a análise, trarei um breve levantamento histórico sobre o barão de Jeremoabo (destinatário) e sua influência na Bahia, além de sua relação com os vaqueiros-remetentes, logo após, procederei com a breve análise do léxico das cartas.

² Os remetentes, locais de envio e as datas das cartas são, respectivamente: Tiburtino Pereira de Mattos, Lagôa do Bras, 10 de julho de 1890: (C.1); Domingos Victor de Jesus, São Jose, 5 de dezembro de 1896: (C2); João Vieira de Andrade, Baixa, 4 de setembro de 1898:(C3); José dos Sanctos Nascimento, 18 de setembro de 1899:(C4); José Lins Barreto, Barras, 24 de janeiro de 1900: (C5); João Victorino de Carvalho, Geremoabo, 19 de setembro de 1903:(C6).

Começamos então, a discutir de que “lugares” sociais, tanto o barão, quanto o vaqueiro produziram seus discursos, materializando-os nos textos das cartas.

É praticamente impossível pensar na história política do Nordeste da Bahia, século XIX, e furtar-se a retomar dados específicos, a respeito da influência social das autoridades locais, que detinham não só o poderio político, como também muitas posses. Dentre tais figuras, têm-se os barões, que além do respeito que gozavam na sociedade, podiam apropriar-se das formas de controle social, especialmente pelo alto poder aquisitivo que apresentavam então.

O barão de Jeremoabo, o conhecido Dr. Cícero Dantas Martins (1838-1903), foi uma importante figura política e um dos maiores latifundiários do Nordeste, em especial do Sertão e Recôncavo baianos do século XIX. Dr. Dantas representou, em seu tempo, a continuidade de uma história de influências já estabelecidas no Estado, o que justifica a força das relações que estabelecia na Bahia.

De acordo com Medrado (2008, p.17), “Geremoabo³ era uma antiga região de pecuária do extremo Nordeste baiano, que envolvia o povoado de Tapera, e as vilas de Geremoabo e Bom Conselho.”. Ainda segundo a autora, toda a região pertencia aos Garcia d’Ávila, a *poderosa Casa das Torres*, durante o período colonial.

A retração dos Ávila, já em meados do século XVII, esteve associada ao antilusitanismo que se intensificou no período da Independência política do Brasil e ensejou doações, vendas e abandono de terras. Foi nesse processo que a família Dantas tornou-se importante proprietária na região, comprando terras dos Ávila, anexando-as a outros territórios, *consolidando a criação de gado* e estabelecendo forte vínculo com a política local. (...)

Tudo começou com Baltazar dos Reis Porto, lusitano do Porto, que veio para o Brasil com sesmarias concedidas e confirmadas num tal sertão do Tiuiu. (...) Baltazar foi procurador da Casa da Torre nessa região quando esta família agonizava politicamente. Aproveitando-se ou não disso, em 1754 comprou nas mãos da viúva da quinta geração dos Ávila um sítio em Itapicuru, na comarca da qual a então freguesia de Geremoabo fazia parte, e fundou aí o Engenho de Santo Antônio do Camuciá, onde iniciou a moagem de cana e fixou residência. Casou-se com Leandra Sancha Leite, filha de imigrantes portugueses que também recebeu

³ Grafia antiga da atual Jeremoabo

sesmarias em Tiuiu. Essa união foi a célula inicial da família Dantas. (MEDRADO, 2008, p. 19, grifo nosso)

Administrando as terras da Casa da Torre, os Dantas acumularam grandes extensões rurais, de modo que não foi difícil para Cícero Dantas Martins, já “nascido em berço de ouro”, tornar-se o maior fazendeiro de toda a região do Nordeste, somando sessenta e uma propriedades na Bahia e em Sergipe. Em 1868, Dr. Dantas, aos seus 30 anos de idade, foi o primeiro e único barão da então cidade de São João Batista de Jeremoabo, posteriormente denominada Bom Conselho (a partir de 1903).

Além da política, uma marca peculiar de Cícero Dantas Martins era a escrita de cartas. Entre os anos de 1873 e 1903, remeteu 44.411 cartas, em uma média de 1.432 ao ano – metuculoso, tomava notas em seu caderno de todas as correspondências enviadas, além de mortes, nascimentos, e muitas outras informações com que se confrontasse. Infelizmente, muitas das cartas enviadas por ele não se recuperaram⁴. Restaram, no entanto, as correspondências recebidas, incluindo, além das cartas, fotografias de personagens importantes da história do Brasil como José de Alencar, Barão de Rio Branco, Barão de Cotegipe, Visconde de Niterói, além de familiares, amigos e outros proprietários rurais.⁵

O conteúdo das cartas que compõem o *corpus* da pesquisa é bastante variado, desde assuntos pessoais como pedidos de favores, questões familiares, notícias de parentes distantes, nascimentos e falecimentos, até questões políticas, trocas de informações relacionadas à política local e promessas de fidelidade partidária, e também questões sociais, como notícias das condições climáticas (secas, chuvas etc.), e o andamento das produções nas lavouras e a situação do gado, já que o barão tinha muitíssimas posses de terra e gados em muitas localidades do Sertão e Recôncavo.

⁴ Vide maiores detalhes no endereço: <http://www.fcmariani.org.br>

⁵ As cartas guardadas são uma recém-descoberta e rica fonte de informação sobre períodos da história brasileira, como a Guerra de Canudos. Dando seguimento a este legado familiar, o seu neto, que lhe era homônimo, o deputado Cícero Dantas Martins Junior, destaca-se no cenário baiano, exercendo forte influência política e social, mantendo a rede de contatos estabelecida por seu avô, e perpetuando sua prática de corresponder-se através de cartas.

Com o aumento considerável dessas posses, surge a necessidade de contar com administradores fieis nas diversas fazendas (e às vezes longínquas, em relação à residência do barão), que conhecessem suficientemente a região e suas peculiaridades para a criação do gado, para que o seu negócio mais lucrativo – a pecuária – não viesse a sofrer prejuízos. É nesse contexto que surge a figura do vaqueiro, que além de dedicar-se aos afazeres da fazenda cotidianamente, servia ao barão como fiel informante e mantenedor dos seus negócios, desenvolvendo uma relação quase sempre amistosa, além de ser, em alguns casos, o representante legítimo do barão em certas fazendas. Nesse sentido, coloca Medrado:

Era, portanto, o vaqueiro quem lidava diretamente com os trabalhadores e negociava eventuais reivindicações, (...) já que representava o dono da fazenda não apenas na sua ausência. Esse fato confirma a idéia de que o vaqueiro era tanto braço direito do fazendeiro quanto porta voz dos interesses dos demais trabalhadores. Sendo assim, o fazendeiro dependia em mais um aspecto do vaqueiro: da boa imagem propagada por ele frente aos outros trabalhadores. (MEDRADO, 2008, p. 94)

Ademais da relação de confiança, prevalecia a submissão ao barão. A maioria dos seus correspondentes dependia dele em algum sentido: seja por vínculos familiares, seja por interesses partidários, ou pessoais. No que tange aos vaqueiros, percebe-se uma relação além de tudo profissional, visto que os mesmos atuavam nas terras do barão como seus administradores, e eram responsáveis por uma importante tarefa econômica.

O teor dessas cartas escritas por vaqueiros⁶, de uma forma geral, nos permite ainda ratificar a imagem sustentada pelo imaginário coletivo em relação a essa figura, como salienta Medrado (2008), visto que a fala dos mesmos deixa transparecer o próprio valor positivo que lhes era conferido pela comunidade. Assim, situam seu lugar de fala, e apropriam-se desse lugar a fim de “justificar” algumas atitudes, que, se não fossem autorizados por tal imaginário, certamente não tomariam. Nesse sentido, considera-se a visão de Euclides da Cunha sobre o vaqueiro, apresentando-lhe como uma figura emblemática do Sertão, e fortemente atrelado a ele como o *seu* lugar,

⁶ Conta-se, aproximadamente, com seis cartas escritas por diferentes remetentes-vaqueiros.

por justamente ser o “típico” representante sertanejo com as durezas e agruras da rotina laboral. É interessante notar como essa visão realmente permeia o imaginário coletivo, e em especial do nordestino:

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um reconto que não vence e em que se não deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebata, como um raio, pelos *arrastadores* estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia — passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes. É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto... (CUNHA, 1985, p. 50)

Após esta contextualização da pesquisa, proponho aqui uma rápida abordagem do vocabulário do vaqueiro do Sertão baiano do final do século XIX, registrado nas cartas enviadas ao barão. Proponho a organização do vocabulário tendo por base a proposta de Coseriu (1986), subdividindo-o em campos léxicos. Em sua teoria para a organização dos campos lexicais, Coseriu mostra que o campo léxico corresponde a uma estrutura paradigmática e determina uma análise estrutural do vocabulário, definindo o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas, em que os lexemas (caracterizados como o paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo) integram um sistema de oposições.⁷ Desse modo, no âmbito da pesquisa geral, serão estruturados macrocampos lexicais com seus respectivos microcampos, ou seja, o léxico utilizado nas cartas formará um conjunto de lexias próprias, que será dividido em subconjuntos, como grupos de palavras organizadas por categorias, dentro do mesmo campo de conhecimento.⁸

⁷ Trago aqui apenas a título de esclarecimento, alguns conceitos referentes à Lexicologia, de acordo com Bidermann (2001, p. 167): *Lexema*- unidade abstrata da língua; *Lexia*- forma como os lexemas aparecem nos discursos; *Léxico*- acervo dos lexemas de uma língua; *Vocabulário*- conjunto de lexias registradas em uma obra ou texto (por exemplo: as cartas aqui pesquissadas).

⁸ Após a organização dos demais campos, ainda por definir, será feito um levantamento dos recursos semânticos utilizados pelos remetentes, através da elaboração de uma listagem com tais ocorrências, seguidas da sua significação fixada pelo contexto, a fim

Para efeitos dessa amostragem, focalizo tão-somente o campo léxico da vaqueiragem⁹, e sua subdivisão em três microcampos, a saber: *designativos dos trabalhadores*, *designativos das tarefas* e *designativos do gado*. Buscarei levantar os sentidos já fixados das doze lexias apresentadas, por já serem dicionarizadas¹⁰, além de verificar a força exercida pelo contexto extralinguístico no processo da nomeação dos elementos da realidade. Assim, a partir do macrocampo da vaqueiragem, tem-se um índice das lexias, organizadas em ordem alfabética, seguidas dos significados, dicionarizados ou não, e das ocorrências no texto.

Designativos dos trabalhadores:

Coronel, s.m. Chefe político, em geral proprietário de terra, do interior do país.

Enquanto ao *Coronel* Passo e verdade que pegou 4 resis, gado que por dereicto sagrado pertencia pertencerá aminha Mai.

Vaqueiro novo, s.m. Guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacum.¹¹

Pergunte as seo *vaqueiro novo* quantos cabritos engeitados recebeo que eu n' este recinto mais logo terei alguma couza adizér. (C4)

Designativos das tarefas

Asignar e soltar; v. No contexto da vaqueiragem, é o ato de registrar o gado e logo em seguida, deixá-lo pastar, ao invés de recolher para o interior de algum cercado.¹²

de buscar absorver o que este material evidencia linguisticamente, no que tange às relações de sentido ali presentes. Tal etapa será melhor desenvolvida ao final da pesquisa, quando o panorama da utilização das lexias for melhor explicitado pela organização dos campos.

⁹ S.f. Bras. Ato de vaqueirar; [exercer] a profissão de vaqueiro. (AURÉLIO, 1986)

¹⁰ Para o levantamento dos significados, utilizo Aurélio (1986).

¹¹ Nesse caso, por ainda não conhecer bem as terras e o gado, não gozava da confiança do barão, nem dos demais trabalhadores.

¹² Os significados dicionarizados dessas lexias, se considerados aqui, não contemplam o sentido contextual.

Desde 15 de junho que ajunto gado passando no Curral *assignando i soltando* por falta de verde e água mais afastado tem pasto que sempre subio o capim. (C1)

Ferrar; v. Marcar com ferrete quente; pôr ferraduras em (boi, cavalo etc.)¹³

Dê suas providencias mandando para omesmo Sr. Raymundo *feralla*, apesar de estar no rio ambas. (C5)

Partilha; s.f. Repartição dos bens de uma herança; Divisão de lucros.¹⁴

sevêr que ainda tenho criançia para maior quantia me mandara(...) na ocasião da *partilha*, não confiandome somente nella. (C5)

As *partilhas* agora só quando haver nao? Simever obrigado comêr oresto das rezinhas que tenho, desejo que comprias para ficarem na fazenda. (C5)

Purgar; v. Tornar puro, purificar, limpar.

não avalei *puçar* este anno um 20 bezerros por cazo da grande seca porem já assignei 40. (C1)

se Vossa Senhoria mandar *purgar* alguns boi mande um coveiro porque tem algum que os burros não purgam. (C1)

Designativos do gado

Biserro / bezerro; s.m. Vitelo, gado novo.

o Toro de costa está vivo já tirando um *bezerro*.(C1)

Cabeças /cabessas; s.m. Nesse contexto em específico, refere-se a forma de contagem dos gados.¹⁵

na noite de 8 também morreu um boi creio que ao tudo 18 cabeças (C1)

¹³ Esse ato era necessário para identifica o proprietário do animal, através das iniciais. Carneiro (2005) registra um símbolo especial que os vaqueiros do barão utilizavam como marca de propriedade, além do uso das iniciais.

¹⁴ Nesse caso em específico, a entrega aos vaqueiros de algumas “cabeças de gado”, referentes a um pagamento especial.

¹⁵ Nota-se um uso metonímico do substantivo “cabeça”. A contagem do gado pelo vaqueiro é facilitada se este se concentrar apenas nas respectivas cabeças, já que a intensa movimentação do gado tornaria impossível uma contagem rápida e precisa sob outras circunstâncias.

Cabritos; s.m. Pequeno bode.

Pergunte as seo vaqueiro novo quantos *cabritos* engeitados recebeo que eu n'este recinto mais logo terei alguma couza adizér. (C4)

Novilho; s.m. Vitelo, gado novo, bezerro.

Este negócio que lhe afreuento e independente das 2 *novilhas* que lhe mandei oferecer aos dias passados.(C5)

Rebanho; s.m. O total de qualquer espécie que constitui gado para corte.

Por esta circunstancia saberá VossaExcelência que há retirada do seo *rebanho*. (C4)

Rez/ resis [rês]; s.m. Qualquer quadrúpede usado na alimentação humana, “cabeça de gado”.

Porque de momento pode fugir uma *rez*, iapé não posso seguilla, por tanto tenho muita nessecedade do animal como já disse. (C5)

Enquanto ao Coronel Passo e verdade que pegou 4 *resis*, gado que por dereicto sagrado pertencia pertencerá aminha Mai.(C4)

Algumas das lexias aqui destacadas mostram que mesmo se apropriando de lexias com sentidos também aplicáveis a outros contextos os vaqueiros apresentaram suas peculiaridades de apropriação dos significados, motivadas por questões de ordem sócio-culturais, manifestando uma forte interação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Diante desta breve abordagem do vocabulário do vaqueiro, concordamos com Isquierdo (2001) quando defende que a análise do léxico regional está relacionada intimamente ao fato cultural e não somente à língua enquanto estrutura. Acreditamos que esta perspectiva de análise favorece uma melhor apropriação de conhecimentos referentes ao próprio homem em suas particularidades, vislumbradas em sua cultura, e exteriorizadas também através da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. 2. ed. São Paulo: Matins Fontes, 2001 (Coleção leitura e crítica).

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005, 2 vol.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1986.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos (1902)*. São Paulo, Brasiliense. 1985.

LEITE, Eliane Santos. *Um estudo da perda das preposições nas relativas em cartas pessoais: análise linguística e edição de documentos do século XX*. 2007. 39 f. Monografia (Especialização em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

MEDRADO, Joana. *Terra, laço e moirão: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900)*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2008.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.